

— Um conto de —

JULIANA DAGLIO

A
VOVÓ chamou
O PAPO
PARA a CEIA





A VOVÓ CHAMOU O DIABO PARA A CEIA © JULIANA DAGLIO

1º Edição — Brasil

Todos os direitos reservados a Autora.

Produção Editorial

Revisão: GRAZIELA REIS

Capa: DÉCIO GOMES

Diagramação: BRUNO LIRA

Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação (cip)

Daglio, Juliana;

A Vovó chamou o Diabo para a Ceia

1. Ed. — Rio de Janeiro-RJ — 2018

1. Literatura Brasileira. 2. Conto I. Título

CDD. B869.3

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Um projeto da autora Juliana Daglio, em parceria com a Increasy, agência e consultoria
literária.

Todos os personagens e situações dessa obra são reais apenas no universo ficcional; não se
referem a pessoas reais e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião

JULIANA DAGLIO

A large, ornate, blackletter-style initial 'A' is positioned above the word 'chamou'. To the left of the 'A' is a small, dark, circular floral motif. To the right of the 'A' is a small, dark, branch-like motif. The word 'chamou' is written in a cursive script. Below 'chamou' is the word 'O' in a small, cursive script, followed by the word 'DIABO' in a large, bold, blackletter-style font. Below 'DIABO' is the word 'PARA' in a bold, blackletter-style font, followed by the word 'a' in a cursive script, and finally the word 'CEIA' in a bold, blackletter-style font.

VOVÓ *chamou*
O **DIABO**
PARA *a* **CEIA**

DEDICATÓRIA

ENQUANTO ISSO, O DEMÔNIO DENTRO DE NÓS REVIRA O ESTÔMAGO E FAZ CARA DE NOJO.
É MUITA SANTIDADE PARA UM POBRE-DIABO, NINGUÉM É TÃO IMACULADO ASSIM.

MARTHA MEDEIROS



Havia sete membros da família Viera na sala quando Aparecido tomou a atitude de falar do vídeo.

Eram em muitos mais, claro. Desde que os quatro filhos de Olegna e Lúcio começaram suas proles, o sobrenome só cresceu, fazendo as reuniões da velha casa da família serem cada vez mais cheias. No entanto, o início de um temporal barulhento impediu que os demais chegassem a tempo para a ceia de natal. A tempo para o vídeo.

Ninguém queria ver, isso era verdade.

Desde a morte da velha e de seu último pedido deixado no ar, ficou decidido, num acordo silencioso, que deviam evitar encontros como aquele. Meses depois do enterro cheio de choro e ranger de dentes, ali estavam na sala apertada da casa velha, defronte ao momento de se encontrarem para mais um fatídico ano juntos.

— Foi o desejo dela, não foi? — retomou Aparecido, sua voz adestradora cortando o silêncio. — Que víssemos o vídeo na ceia de natal.

Deslizou os olhos para Carlota, sua irmã mais velha, procurando um assentimento que não veio. Luísa, a irmã que veio três anos depois dele, foi quem deu um aval curto com o queixo. Tomando a frente, Aparecido mesmo colocou seu notebook sobre a mesa de centro, ligou-o e esperou as luzes da tela se acenderem. O vídeo, porém, estava num *pendrive*, guardado a sete chaves numa caixa velha que Carlota tinha colocado no alto da estante, ao lado da foto da mãe.

Por um momento, ao som da chuva que rasgava a noite do dia vinte e

quatro de dezembro, aquela foto foi o centro das atenções.

Os sete presentes, sendo os quatro filhos e apenas três dos onze netos, olhavam fixamente para a imagem em preto e branco da jovem Olegna vestida de noiva, lá no alto da estante. Uma foto misteriosa e até macabra, se vista bem de perto. Com os olhos castanhos voltados para o lado, a jovem e bela mulher nada tinha da avó magra e encarquilhada que fora nos últimos dias.

Estavam ali por ela. Ou por mais alguma coisa. Aparecido desejava encerrar de vez aquele ciclo que começou com a descoberta da doença da mãe e deveria ter acabado com sua morte. Luísa estava porque sentia tanta falta de Olegna, que tinha esperanças de que ouvir sua voz pela última vez fosse preencher o vazio. Carlotta se negou até o último minuto a comparecer. Morava longe, duzentos quilômetros da pequena cidade monótona, e não queria deixar os compromissos da igreja para trás, mas a insistência e a beligerância de Aparecido a convenceram. Mário Alberto, o caçula, não negava que tinha grandes esperanças de que sua mãe fosse revelar o segredo de uma herança que os quatro poderiam dividir.

Luana e Eliana, as filhas mais novas de Mario Alberto, acompanharam o pai porque Joana, a mãe, estava tirando uma folga de suas obrigações, passando um fim de semana com suas irmãs na praia. Já João Paulo, o neto mais velho e filho de Luísa, nunca tinha nada melhor para fazer além de acompanhar sua mãe e zelar, incansável, pelo bem-estar emocional dela. Tarefa impossível, tratando-se de Luísa, que sempre estava deprimida.

— Quem vai pegar? — indagou João Paulo, um pouco temeroso. — Eu não coloco a mão naquela caixa nem que me paguem.

— Você não faz nada nem que te paguem — retrucou seu tio Aparecido, em seu costumeiro tom azedo. — Nem trabalhar.

Luísa ciciou, pedindo silêncio.

— O último desejo da mãe era de que víssemos esse vídeo juntos antes da ceia — disse a mulher, com uma voz triste. — Não que *brigássemos* antes da ceia.

— Estamos brigando desde que nos conhecemos por gente, Luísa — interferiu Carlota, revirando os olhos. — Ela não esperava outra coisa. Meu

coração me diz que estando os quatro filhos aqui, será feita a vontade dela. Não vamos esperar pelos outros, não.

Carlota varreu os olhos pela sala. Luana, de treze anos, e Eliana, de dez, estavam sentadas cada uma ao lado do pai, indiferentes ao que estava acontecendo. Mário Alberto, que era o único ali a ostentar os olhos azuis do pai, fez uma careta, como se não quisesse opinar. Era sempre assim, neutro em situações difíceis.

— Anda, Mario Alberto — esbravejou Aparecido, ríspido. — Abrimos a merda do vídeo ou esperamos os outros?

O caçula fez um gesto apressado com a mão apontando a televisão. No vidro antigo do aparelho estavam os reflexos daqueles sete pobres diabos. Duas crianças, um jovem metido a músico, e quatro filhos órfãos de pai e mãe que mal podiam olhar na cara uns dos outros. Era uma família bem diversificada em aparência, assim como era em personalidade. Aparecido era muito alto, com quase um e noventa de altura, enquanto Mário Alberto, com seu sobrepeso e barba rala já aos quarenta anos, não passava muito de um e setenta. As duas mulheres sempre ostentaram seios pequenos, embora Luísa tenha tido a sorte e a audácia de colocar próteses de silicone que a fizeram parecer uma modelo em seus dias mais juvenis. João Paulo tinha puxado mais a família do pai, com cabelo crespo volumoso que decidiu não cortar por um tempo, dando no ombro se ele não usasse um rabo de cavalo como agora. A barba, feita em *barber shop* semanalmente, era um ponto de vaidade que o tornava popular entre as garotas. O visual hipster da capital irritava os tios e primos, o que o rapaz adorava e usava para provocá-los.

Mario Alberto limpou a garganta e tirou os olhos do reflexo da televisão, ponderando o que deveriam fazer.

— A Joana já sabe que não vem — começou a lista, soando irritado. — Minhas duas mais velhas não viam a avó fazia quase uma década. O que me interessa é que as duas pequenas estão aqui. Por mim a gente já pode ver e acabar logo com isso.

Luísa e o filho João trocaram um olhar cúmplice. Mãe e filho eram unha e carne, uma relação que dava inveja nos outros irmãos. Conversaram em silêncio e assentiram. Estavam prontos.

Faltava Aparecido, que torcia o beijo fino e parecia dez anos mais velho. Foi ele quem recebeu a missão de ser um arauto daquela vontade da mãe, à beira da morte. Pensava no momento em que ele e Olegna tiveram aquela conversa. Foi numa das noites que foi dormir com ela. Tinha acabado de apagar a luz e deitar na cama paralela, mal descansando a cabeça no travesseiro.

“Não vou durar até o natal, Cido” — dissera sem lágrimas nos olhos, seca que só ela, pouco antes de pegarem no sono. “Amanhã vou usar aquele computador velho e gravar uma mensagem para vocês. Quero que vejam com a família toda, no dia da ceia de natal. Vocês bem sabem como eu gosto da família toda ajuntada pra janta, não sabem? Pois não deixem de fazer a janta sem a velha. Você pede para a Marisa fazer meu cuscuz, mas se ela não fizer, pelo menos vejam o maldito vídeo juntos.”

— Fausto e os meninos ficaram presos no hotel — disse Carlota, num tom falso de parcimônia. Olhava para o celular, provavelmente lendo uma mensagem do esposo. — Tá caindo um temporal lá fora. Ninguém mais vai chegar até passar. Vamos ver de uma vez, e se algum dos netos ou dos genros, ou das noras, quiser ver o vídeo, a gente vê de novo.

— Isso — emendou Luísa, melancólica. — Quem tá aqui é que importa.

Aparecido bufou. Queria esperar seus filhos e a mulher, mas sabia que eles estavam enroscados no bar, jogando sinuca. Sua mulher, Marisa, estava abstenha do álcool fazia oito meses, mas ainda insistia em jogar feito um homem. Estava amargo por conta disso. Mais um ano passando nervoso com Marisa, ainda mais aquele. O primeiro ano sem Olegna; sem a mãe de quem ele tinha cuidado e a quem tinha visto morrer no hospital.

Olhou para Luísa enquanto caminhava até a estante e pegava a caixa. Era a irmã que estava com ele no leito de morte da mãe. Os dois tocaram uma música que Olegna gostava e a viram partir, juntos. Não gostava de pensar nisso, e teve a vista embaçada pelas lágrimas bem no momento em que ergueu a mão e pegou a caixa.

Estava cheia de poeira. Tinha no tampo uma foto de Olegna e Lúcio sentados no sofá. O pai, que não morrera, mas os deixara órfãos de presença fazia mais de dez anos, devia estar em algum lugar com sua mulher nova e seus novos filhos emprestados. O amargor o fez tossir.

A sala toda estava em silêncio quando Aparecido abriu a caixa e pegou o *pendrive*. O pequeno objeto era um escorpião que, paralisado no meio da madeira, esperava o momento de aferroar a mão de quem ousasse apanhá-lo.

Fora Aparecido mesmo quem ajudara a mãe a salvar o vídeo antes de excluir do computador. Por meses coçou-se de curiosidade para abrir o arquivo e ver antes de todo mundo. Pensou que poderia fingir que não viu e fazer de conta que adivinhou o conteúdo, jogando na cara de todo mundo que conhecia mais a mãe que os outros filhos.

Era um velho de quase sessenta anos, ranzinza e maldoso, mas era honesto, no entanto.

Os outros seis, quietos, esperaram.

Ouviu-se um arroteo bem no momento que o *pendrive* foi encaixado no notebook. Todos olharam para a silenciosa Eliana que, com seus dez anos, já sabia fazer porcarias como o fulano da borracharia que peidava em todas as moças que passavam na porta do estabelecimento. Ela ria em silêncio, olhando para a tela do celular.

— Tá na hora de desligar essa porcaria — falou Aparecido. — E de tomar um pouco de vergonha na cara, menina porca.

— Deixa minha filha em paz, Cido — retrucou Mario Alberto, abraçando a menina de lado. — Vamos, dá o play logo.

Ciciando uma praga, Aparecido virou-se para a televisão, e fez o que o irmão lhe implorara.

A imagem de Olegna surgiu na tela. Já muito magra, de rosto manchado, o cabelo branco de algodão bem ralo, preso num coque e cheio de presilhas nas laterais. Um rosto ameno, mas os olhos castanhos de catarata, munidos de uma dureza rancorosa. Ajeitou a tela com a câmera, xingando as tecnologias e sussurrando cada um de seus passos.

— *Mais pra cima* — murmurava, mexendo na câmera. — *Agora sim. Bom, família, eu vou morrer...*

Silêncio. Olegna respirou fundo, de olhos fechados naquela imagem feita de pixels. As pálpebras eram de papel, enrugadinhas e finas. Todos que assistiam esperavam fungando, sussurrando preces. Ali na pequena sala, na

casa velha da família, cercado por paredes desgastadas, fotos velhas e imagens de santos lascados, os Vieira iriam ouvir a última mensagem de Olegna Marcondes Vieira.

A matriarca.



Eu vou morrer.

Não posso partir desse mundo sem falar uma coisa muito importante para a família que Deus me deu.

Eu odeio vocês.

Isso mesmo, eu odeio todos vocês. Tenho vergonha do que se tornaram e do que fizeram com as próprias vidas. E não é por causa do velho alcaide do pai de vocês, do avô, aliás... os netos não escapam do meu ódio. Aquele morfioso me trocou por uma garotinha de quarenta anos e virou as costas para vocês, mas deve ter vergonha também. É safado, mas um safado com honestidade. Muitas vezes Lúcio me falou do quanto erramos na educação dos filhos e quanto os filhos conseguiram piorar com a chegada da criançada.

Antes da separação, a gente chegou à conclusão de que o problema tava todo no sangue dele e não no meu, já que sempre fui moça direita e trabalhadora. É praga daquela velha da mãe do Lúcio, isso sim, que nunca quis o casamento porque queria uma nora Católica e eu, sem batismo ou credo, apareci na vida daquele desgraçado.

Foi assim que eu dei origem à praga Vieira.

Mas eu tive uma boa ideia para livrar o mundo de vocês.

Fiz um pacto com Diabo. É, o tinhoso, chifrudo, o sete peles.

Dei minha alma para que ele livrasse o mundo da praga dos Vieira, então, sinto dizer, meus filhos, mas hoje vamos nos encontrar. Eu não fiz questão de sempre reunir todo mundo no natal? Então, hoje a gente vai terminar a ceia

num lugar bem quente.

Até a meia-noite todos vocês vão ter morrido. Uns vão de morte matada, outros de acidente, outros vão decidir que está na hora. A questão é que um de vocês aí, presos nessa maldita casa, é o Diabo vestido de gente. Um de vocês aí nessa sala agora, já morreu e tá com o chifrudo no corpo. Isso se ele cumprir o que me prometeu, é claro. Mas ele sempre cumpre. O pai da mentira não mente é nunca.

Quem tinha que estar vendo o vídeo, está. Se se atrasou ou não foi, é porque ainda tem salvação. Só fica na ceia quem não tem jeito, incluindo as crianças, porque tem criança que nasce é com a maldade no sangue. E se é Vieira, ah, eu não duvido é nada!

Mas não chorem, caso ainda sintam saudades da vovó Olegna.

Eu também amo vocês.

E por amar demais, sei como são e do que são capazes. Não pensem que não me doeu vender minha alma para acabar com essa maldição.

Mais tarde estaremos juntos e vocês podem me dar razão pessoalmente.

Amo e odeio vocês, meus filhos.

Tenham uma boa morte.

A vovó chamou o Diabo para a ceia, mas foi por uma boa causa.



Eliana estava chorando quando o vídeo acabou. Luana ria com as mãos magricelas na boca para suprimir o ruído. Estupefação e calor tomavam conta da sala apertada, enquanto a chuva caía em torrentes e trovões lá fora. Ninguém tinha coragem de dizer nada.

Aos poucos, o som de uma prece entrecortada interrompeu a atmosfera de quietude impávida. Era Carlota quem rezava. O terço espremido nas mãos manchadas de pintas, os indicadores sobre os lábios sussurrantes, os olhos cheios de lágrimas.

— Deus tende misericórdia — murmurou baixo, chorosa. — Deus perdoe a alma na nossa mãe por esse opróbrio.

Abriu os olhos e encarou sua família. Estavam todos quietos a despeito da reza, do choro e dos risos. Três ingredientes básicos em qualquer reunião de família.

— Minha mãe nunca faria uma coisa dessas — foi Luísa quem disse. Sua voz carregava a depressão que era sua companheira, tornando letárgico tudo que dizia. — Com certeza estava tendo um lapso.

— Dizem que o câncer afeta o cérebro também — completou Mario Alberto.

Luana ainda ria, Eliana ainda chorava.

— Eu vim dormir com a vó nesse dia, depois do vídeo — confessou João Paulo, atraindo a atenção de todos. — Ela parecia bem. Sei que foi nesse dia, por causa do brinco que ela estava usando.

— Podia ter usado em outro dia — retrucou Aparecido.

João Paulo engoliu em seco, pálido que estava.

— Não, eu conhecia toda a rotina dela. As roupas, as combinações. Eu cheguei um dia e ela estava no computador, vestida exatamente assim, com o brinco de pedra vermelha.

— Você é o sabe tudo, não é, João? — emendou Aparecido, com um riso de escárnio. — Não tem nada que você não tenha opinião. Sua vó tava louca. Eu cuidava dela, dava banho, troquei até fralda da minha mãe nos últimos dias, acha que eu não sei que ela tava doida? Isso não era coisa dela... Minha mãe nunca ia falar em fazer pacto com o diabo.

— A gente deveria jantar mais cedo — interferiu Luísa, sendo a primeira a se colocar em pé. — Ninguém mais vai aparecer, e tomara que não apareça. Vamos comer e cada um vai para sua casa.

Tomou a frente e foi para a cozinha, deixando todos para trás. Luísa tinha os ombros baixos e uma espécie de tristeza pálida que fez todos entrarem no clima, inclusive Aparecido, que foi o segundo a sair da sala, seguindo a irmã. Compartilhavam aquele mal-estar de terem visto Olegna dar o último suspiro, juntos assistindo a luz se apagando dos olhos da matriarca.

Ninguém realmente acreditava que era Olegna no vídeo. Não parecia coisa dela, apesar de ser bem a cara da mulher zombar de todos com frases fortes e calar a boca dos filhos com coisas que os aterrorizassem. Uma vez deitou de barriga para cima durante uma briga feia de Mario Alberto e Luísa, dizendo que daria um lindo defunto naquela posição.

João Paulo foi o terceiro e puxou o resto da fila. Carlota ainda ficou na sala, de joelhos em frente à foto da mãe, terminando a oração.

Na cozinha, a ceia estava posta. O cheiro de comida natalina, algo que mistura o doce aroma dos pêssegos e abacaxis, com a suculência do tender assado, servia de acalento à alma assustada dos Vieira. Enquanto isso os trovões lá fora eram a trilha sonora, selando o clima pesado que ainda os seguia. Nada de Jingle Bells, nem Noite Feliz. Apenas relâmpagos e explosões.

João Paulo tomou seu lugar à mesa. Como declarado neto favorito de Olegna, sentou-se ao lado de onde a avó costumava se acomodar. Tinha os

olhos perdidos atrás daqueles óculos grossos. Com seus vinte e oito anos, ostentando uma magreza imperturbável a despeito de seus enormes pratos e refeições gordurosas, foi logo tratando de encher o bucho.

— Mãe, você trouxe minha farofa separada, sem uva passa? — questionou, já abocanhando uma colherada de maionese.

Luísa sorriu debilmente e pegou o potinho com a farofa que tinha deixado reservada, pondo em frente ao filho de modo carinhoso.

— Seu filho continua não tendo educação, Luísa — ralhou Aparecido, acendendo um cigarro perto de uma janela. Abriu uma fresta para deixar a fumaça sair. — Espera sua tia Carlota terminar de rezar pra começar a se empanturrar.

João Paulo revirou os olhos para Luísa, que lançou a ele uma carranca imperativa, sibilando para que esperasse. A mãe era muito jovem para a idade, graças aos cosméticos caros que podia comprar. Aos quarenta e oito anos tinha uma voz adocicada de menina e a tez de trinta e oito da qual gostava de se gabar quando não estava deprimida. Seu dinheiro bancara metade da ceia, e os outros três dividiram o resto, a contragosto, então por que não podia comer o quanto quisesse na hora que quisesse? Luísa vivia com a herança do marido falecido, mas também desfrutava do trabalho bem-sucedido como Engenheira. João Paulo achava ruim que sua mãe carregasse os parentes nas costas e emprestasse dinheiro para os tios, no entanto. Foi ela quem reformou a casa de Olegna, bancou a cirurgia malsucedida, e ainda pagava aluguel da casa em que a filha mais velha de Mario Alberto morava, em Santos. A despeito de tudo isso, eram as ações dele que eram reguladas e vigiadas por toda a família. Justo dele, que não dependia de nenhum deles, como eles dependiam de Luísa.

Por sua vez, a mulher endinheirada não era exatamente generosa. Sua necessidade de acumular bens, assim como boas ações, era um tipo de obsessão. Em surtos de raiva, não raros, Luísa sempre jogava na cara de quem fosse todas as bondades que fazia.

— A Carlota está cada vez mais fanática — disse Mário Alberto, acomodando suas meninas à mesa, ao lado de João Paulo. Serviu dois copos com suco para elas, sem perceber que Luana contemplava aquela situação familiar com um tipo maligno de satisfação. — Semana passada me ligou

falando que a alma dela tinha visitado minha casa e visto que a Eliana estava com problemas de saúde.

— Não foi a semana que ela teve virose? — respondeu Luísa, arrumando os pratos sobre a mesa.

Mario Alberto ergueu os ombros e estalou a língua.

— Mesmo assim... Alma? Visitando casas?

— Se ela acertou, deve ser porque Deus deu um dom para ela — Luísa rebateu.

Aparecido riu, jogando fumaça para cima. Um gesto debochado que era só dele.

— Ela chutou e fez gol, só isso — escarneceu, jogando o cigarro pela janela. — Não esquece que ela vive debochando da sua religião. Como é mesmo a piada, Mário Alberto?

O caçula riu antes mesmo de contar.

— Um dono de bar morreu e foi para o céu e fez fortuna lá vendendo cerveja. Depois ele decidiu que, se no céu vendia cevada a rodo, quem diria no inferno. Então ele pediu para descer — riu mais, parando um momento para trocar um olhar divertido com Aparecido, que aguardava ansioso. Já Luísa bufava, sabendo de cor a piada infame e de mau gosto. — Quando chegou lá não vendeu uma latinha sequer. Aí ele perguntou para o... — pausou ali, murchando um pouco o riso.

Falar do Capeta agora, depois daquele vídeo, fez a piada perder a graça.

— A gente sabe, tio — completou João Paulo, depois de engolir uma garfada de comida. — No inferno só tem crente e crente não bebe. Essa é a pior piada da tia Carlota e não tem graça nenhuma.

Aparecido pensava o contrário, pois seguia rindo.

Enquanto isso, as meninas mais novas cochicharam entre si, dando risinhos. Eliana entreteu a família com um arrote descomunal de tão alto, que arrancou risos do primo mais velho. Luísa estava mergulhada em pensamentos, esperando para começar aquela refeição que certamente seria indigesta.

— Papai, vou comer vendo televisão — disse Eliana, já correndo para o adendo da cozinha, onde alguns sofás se dispunham em frente a uma televisão mais moderna.

O pai tentou chiar, Aparecido ia opinar na educação da filha do irmão, mas a menina estava esparramada no assento ao lado dos dois cachorros da família, que se lambiam nas regiões íntimas.

— Só tem especial do Roberto Carlos — disse Luana, acompanhando a irmã. — Mas é melhor que assistir a esses idiotas conversando.

Ninguém pareceu ouvir a adolescente rebelde destilando veneno, bem parecida com seu tio Cido.

— Pai, quero refri! — gritou Eliana.

— Já vai — Mario Alberto respondeu.

Carlota voltava da sala naquele instante, muito abatida e com mais rugas do que deveria ter aos cinquenta e seis. Seus olhos cheios de lágrimas secas, o rosto encrespado, sem maquiagem alguma. Usava um vestido preto reto de gola alta, marcando o corpo extremamente magro, como se fosse uma tábua de passar roupa ambulante. Mario Alberto gostava de caçoar da mais velha com essa piada idiota, mas sempre acabava apanhando de Cido. O segundo filho gostava de monopolizar os comentários maldosos acerca dos irmãos.

— Queria saber o que de tão ruim fizemos para a mãe — disse Carlota, ainda chorosa. Esparramou-se na outra ponta da mesa, perto de onde o peru assado tinha suas pernas tostadas abertas. — Sempre soube que ela não tinha fé centrada, mas vender a alma...

— Ela tava fora de si naquele dia — começou Aparecido.

Carlota ergueu a mão, sinalizando que não tinha acabado de falar.

— Eu sou uma mulher de Deus, sempre procurei andar no caminho certo e orar por todos vocês — continuou, introspectiva. — Sei que a Luísa carregou a cruz dela com o marido, e o Mario Alberto com toda a questão do vício... Cido que é tão sofrido...

— Uma ova, Carlota — interrompeu o irmão. — Sempre que você começa com essa ladainha eu tenho vontade de ir embora e nunca mais olhar a cara dessa gente.

— Pai, quero refri! — A voz de Eliana se fez ouvir.

Cido revirou os olhos, acendeu um cigarro, dessa vez sem se preocupar com a fumaça. Carlota, que sempre procurava ser parcimoniosa e manter um discurso de paz, fechou o cenho.

— Essa gente é sua família, Cido — replicou Luísa. — Sabe o que a gente fez pra ela? Ficamos nessa discussão o tempo todo. Um jogando as coisas na cara do outro.

— Pai, quero refri! — berrou Eliana, imperativa.

Cido bateu na mesa e olhou para a sobrinha por sobre o ombro.

— Vem pegar, sua preguiçosa!

— Para de dar pitaco na educação dos filhos dos outros, Cido — repreendeu Luísa, irritada. — Cansei de fazer as coisas para vocês e só ter briga acontecendo. Esse natal nunca devia ter existido. Cada um devia estar na sua casa!

Cido soprou a fumaça do cigarro no meio da mesa. A nuvem cinza tinha uma densidade maior que o normal, sobrevoando aquela comida feito uma tempestade que tinha acabado de chegar. Carlota, que odiava o vício do irmão, virou a cabeça com uma expressão enojada.

— Se alguém aqui é o diabo, com certeza é você, Aparecido. Que vício dos infernos.

Com um riso de lado, o irmão se colocou em pé e caminhou em direção à porta do quintal, soberbo com suas costas eretas.

— Eu iria para o inferno com prazer. Lá é cheio de fogo, não precisa de isqueiro para acender o cigarro.

Luísa esfregou os olhos com as mãos, João Paulo abaixou a cabeça, indignado. Empurrou o prato vazio e perdeu a vontade de comer a sobremesa. Carlota se recolheu abismada ao seu terço, encarando a mesa repleta de comida como quem assiste um cadáver em putrefação.

Mario Alberto, cansado de ficar ali no meio daquela conversa ridícula, pegou um copo de refrigerante e foi levar para a filha, mas a mesma já estava com um nas mãos.

— Você trouxe para ela, Lu? — perguntou para a mais velha.

Luana ergueu os olhos do celular e fez que não, indiferente.

Eliana segurava o copo já pela metade com uma mão, e manipulava seu celular com a outra. Na televisão, Roberto Carlos cantava Emoções, e dezenas de pessoas famosas se balançavam em suas cadeiras com olhares teatrais de sentimentalismo.

Alguém sabe fingir melhor que a gente, pensou o caçula amargamente, olhando para a televisão.

Eliana deixou o copo cair, produzindo um estilhaçar alto.

Aparecido ralhou alto, já berrando que alguém ia ter que limpar a bagunça. Mario Alberto se virou, assustado, a tempo de ver a menina vomitando, caída sobre os cacos. Luana gritou o nome da irmã e foi socorrê-la. O pai, sempre calmo e ponderado, correu para pegar um balde na lavanderia.

A despensa escura tinha ruídos de baratas vindo do teto baixo. A luz não acendia, o lugar cheirava a peixe estragado. Procurou por pano e produtos de limpeza, irritado em saber que Aparecido ia sugerir que a menina, mesmo passando mal, teria que limpar tudo, com a língua se fosse necessário.

Juntou o que achou pelo caminho e correu para a sala. Chegou a tempo de ver Eliana convulsionado sobre o chão repleto de cacos de vidro. Sua família ao redor da menina, Luana com a irmã nos braços e Aparecido correndo para o telefone.

A criança não estava apenas passando mal.

Mário Alberto, pai presente, atento e cuidadoso, viu a palidez no rosto de Eliana, a feição esverdeada dos lábios abertos. Debruçou sobre a filha. A menina de enormes bochechas rosadas estava pálida. Uma espuma branca saindo de sua boca em proeminência, olhos revirando estáticos.

— Chamem uma ambulância! — berrou o pai desesperado.

Chacoalhou a filha, porém as convulsões tinham parado.

Tudo ficou quieto, a despeito do choro baixo de Luana.

Mario Alberto pegou a menina desfalecida pelos ombros, apertou seu

queixo e balançou. Luísa, atrás dele gritou e abraçou João Paulo. Aparecido urrava com os telefones da casa, implorando a Deus para que funcionassem.

Eliana Vieira estava morta.



A gritaria que se seguiu certamente seria capaz de acordar uma vizinhança inteira. O escarcéu de uma família acometida por desgraça é coisa que se reconhece de longe, em qualquer lugar do mundo. Não tem língua, não tem credo. É só dor.

Todavia ninguém apareceu na porta da velha casa dos Vieira.

As portas não abriam, as janelas estavam seladas. Telefones mudos, celulares fora de área.

Parecia que o diabo estava mesmo entre eles, e cometera a maior de todas as atrocidades. Matara uma criança.

— Você deu refrigerante para ela? — perguntou o pai em prantos, segurando o corpo morto da menina nos braços. — Por favor, quem deu o refrigerante para ela?!

Aparecido socava as portas, gritando por ajuda. Carlota, chorando aos borbotões, ajoelhou do lado do irmão e o afastou para ver a menina.

— Deus, recebe essa alma inocente...

— Cala a boca, Carlota! — berrou o caçula dos Vieira, soando mais grave, mais intenso do que nunca. — Ela não tá morta, só desmaiou. A ambulância vai chegar e...

Foi Luísa quem conseguiu tirar o irmão de perto do cadáver. Em menos de dez minutos de morta, Eliana já tinha adquirido uma rigidez emborrachada, a espuma ainda saindo pela boca aberta. Fechou os olhos da sobrinha e olhou para o filho, pedindo ajuda.

Carlota acalmava o irmão. Luana soluçou encolhida, quando Luísa e João Paulo carregaram a menininha para o quarto. Seria melhor ela estar lá na cama, quietinha, quando a ambulância chegasse. Certamente viriam policiais, pensou Luísa.

— Envenenaram a menina — sussurrou João Paulo, assombrado e trêmulo. — Quem fez isso, mãe?

— Nós não fomos — sussurrou ela de volta, indicando o caminho do quarto.

Botaram Eliana onde Olegna dormiu nos últimos dias. Uma caminha de solteiro encostada na parede, perto da porta, onde a velha podia sair para ir ao banheiro sem tropeçar em nada. O corpo de Eliana era pesado, afinal era uma menininha preguiçosa de dez anos que já pesava seus cinquenta quilos, pensou Luísa, antes de cair num choro silencioso, mas muito frenético. Escorregou para a beirada da cama, onde o filho a amparou.

— Sua avó cuidou dela quando pequenininha.

— Eu lembro, mãe...

— Onde foi que a gente chegou? — sussurrou desesperada, segurando a mão do filho. — O diabo tá mesmo aqui.



Aparecido tinha cansado de esmurrar portas e gritar. Estava claro que não havia força humana, nem reza brava, que fosse derrubar aquelas entradas ou fazer os celulares chamarem. A velha casa dos Vieira tinha uma ceia sobre a mesa e uma menina morta sobre a cama.

Ficou parado na saída do quintal, engolindo o choro, querendo ser forte. Pegou um cigarro, mas só o colocou na boca. Não teve vontade de acender. Só olhou para seu irmão mais novo chorando junto a filha viva, que lançava um olhar cortante para o tio sobre o ombro do pai.

— É mentira — disse a adolescente, soando fria. — Não tá acontecendo isso. É piada da vovó.

— Eu tô sonhando — respondeu Mario Alberto, num tom de entorpecimento.

— Vai chegar ajuda — interferiu Aparecido. — Cadê a Luísa e o João?

Os dois vinham do quarto, abraçados um ao outro. Mãe e filho amparando-se, como sempre fora, desde a morte de Dante, anos atrás. Nem mesmo o caçula de Luísa era tão próximo e carinhoso como João. Aparecido não possuía aquele vínculo com nenhum dos três filhos, que graças a Deus não estavam ali, nem para verem as loucuras da avó, nem para assistirem à morte da pequena Eliana.

— A gente precisa sair daqui — falou João, tentando parecer sensato. — Chamar a polícia.

— Acha que já não tentei?! — berrou Cido, histérico. — Senhor sabe tudo!

Ao grito do homem, um estrondo veio da sala. Sons de cacos, uma pancada forte que tremeu as paredes. Correram todos para a sala abafada, que agora carregava um cheiro estranho, nada parecido com o aroma natalino da ceia. Era cheiro de ovo podre.

Luísa chegou primeiro, vendo espatifadas todas as fotos da família, os porta-retratos quebrados sobre o chão. A bagunça era tamanha que parecia anúncio de tempestade, embora todas as portas e janelas estivessem fechadas a ponto de não deixar passar fino vento.

— Crê em Deus pai — exclamou Carlota, tomando a frente sobre o amontoado de sujeira e fotos espalhadas. Não restara nada nas paredes, nem nas estantes, apenas a foto de noiva de Olegna sobre a última prateleira. — A mãe vendeu a alma pro Diabo mesmo.

A sala estava densa, impregnada daquele odor que fazia todos serem tomados por espasmos viscerais. Mario Alberto vomitou em cima dos cacos, quase caindo aos pés de Luana. A adolescente, sempre munida de sua frieza, chamou pelo pai procurando seu rosto, segurando seus ombros enquanto o golfo lhe castigava o esôfago, rompendo em ganidos roucos.

Se a maldade tinha um cheiro, certamente era aquele. O ar parecia amarelado, o que se agravou com o odor acre do vômito do caçula. João Paulo abraçou a mãe, enterrou a cabeça em seu ombro e murmurou um pedido de calma.

— Aquele vídeo mexeu com a nossa cabeça — disse Aparecido, os olhos

esbugalhados, vítreos de lágrimas. Esfregou as mãos na camisa branca, perdido, como se sentisse necessidade de se limpar. Mais uma vez seus olhos se encontraram com os da sobrinha. — Essa menina às vezes me assusta. A irmã morta no quarto e não derramou uma lágrima, só chorou seco.

— Minha irmã não morreu — retrucou Luana, exasperada.

A garota de cabelos lisos e costas curvadas pela magreza se endireitou e encarou o tio com astúcia. O pai segurou a mão dela e encontrou auxílio para levantar da posição prostrada.

— O Cido foi o primeiro a dizer que o vídeo da nossa mãe era loucura, mas também é o primeiro a começar a procurar o diabo.

— Não estou falando que sua filha é...

— Dentre nós, um tem que ser, não é? — inquiriu Mario Alberto, emendando a frase. Calou a todos. Estava perdido em dor e resignação, tomado por olheiras que o envelheceram décadas. — Luana tem os defeitos dela, mas nunca faria mal à irmã.

— Eu tenho meus defeitos? Tá falando sério, pai?!

Foi ignorada. Mario Alberto se aproximou do irmão com o dedo apontado em riste. Era muito mais baixo, corpulento, em contraponto ao mais velho que era alto e menos fortalecido em musculatura. Trocaram um longo olhar acusatório antes de falarem.

— Todas as brigas que nós tivemos, todas as vezes que paramos de nos falar, foi por alguma coisa que *você* disse — acusou Mario Alberto, entre dentes. — Se alguém envergonhou a mãe, foi você!

Aparecido se recolheu magoado, olhando ao redor. Os outros dois irmãos abaixaram as cabeças.

— Eu, Mario Alberto?! — destilou em resposta, abaixando o dedo do irmão. — Eu casei com uma mulher, tive três filhos com ela e nunca lhe fui infiel. Você não pode ver um par de pernas abertas que já quer entrar. Tal pai, tal filho!

O soco ia pegar em cheio, mas Carlota foi mais rápida e empurrou Aparecido para o outro lado. Mario Alberto, que não acertou em nada, acabou por cambalear e cair de joelhos sobre os cacos. Logo recomeçou a

chorar, humilhado, sem conseguir dar um soco na cara do irmão, e sem conseguir aceitar a morte da filha.

— Quando você aponta um dedo para alguém, tem três apontado para você — declamou Carlota, naquele tom religioso que lhe era respectivo. — O que ele quer é isso mesmo, que nos acusemos. Não era nossa mãe naquele vídeo, era o próprio inimigo.

— Ah, Carlota, como você é ridícula — retrucou Aparecido, sem nem mesmo agradecer à primogênita por ter salvo seus dentes. — Como se nunca tivesse julgado nenhum de nós. Quem foi que contou para todos o segredo da Luísa? Fui eu?! Não, eu nem sabia de segredo nenhum!

Luísa soltou uma imprecisão. João Paulo tomou a frente, entre Cido e sua mãe, os olhos voltados para ela.

— Mãe?

— Carlota... — sussurrou Luísa, já trêmula. Se virou para a irmã mais velha, com os ombros rebaixados e o rosto empalidecido. — Você fez mesmo? Contou a eles?

Carlota corou, cruzou os braços e recuou para um dos sofás, onde se jogou. Com o rosto enterrado nas mãos, o cabelo cacheado grisalho lhe tapando o rosto, começou a chorar que sim, tinha contado. João Paulo estava confuso, procurando no olhar da mãe a explicação.

— Sua mãe teve um filho antes de você, João Sabe tudo — disse Aparecido, sardônico, apesar da tristeza que lhe marcava a face. — Um menininho prematuro. Ela teve depressão pós-parto, ficou longe dele por dias, aos cuidados da Marisa. Minha mulher amamentou ele e tudo...

— Cido — interrompeu Luísa, esticando a mão em súplica.

A mulher inconsolável elevou os olhos para a foto da mãe, o rosto retorcido numa careta de sofrimento. Naquele momento Luísa era uma mortal enlameada pelo pecado; e Olegna, o deus que jamais poderia alcançar.

— Dormiu em cima dele no primeiro dia que voltaram para casa. O bebê sufocou embaixo dela, porque tava dopada de calmante. Seu pai achou a criança no dia seguinte, roxa. Nem com o grito dele essa patife acordou.

Luísa se afastou também, para o canto oposto de Carlota. Imersa no

próprio silêncio, procurou abrigo contra o olhar estarecido de João Paulo. O jovem estava absorto num amontoado de pensamentos, sentindo-se fora de realidade, com a morte da prima, e agora àquilo...

— Podia ter me contado, mãe. Eu jamais teria julgado a senhora.

— Por que não julga ninguém, não é mesmo? — disse Carlota, do outro canto. — Anda com tudo quanto é tipo de gente, se envolve com aquelas passeatas libertinas e se acha o maioral porque não acredita em Deus nem no Diabo.

João virou para a tia, incrédulo. Não se falavam há meses, desde o debate moral e político que tiveram numa das viagens que ele fez para ver os primos. Carlota era avessa a qualquer diversidade sexual, a movimentos de minorias, enquanto João tomava a frente de tudo, fazia palestras e ia para as ruas protestar contra o governo. Saíram numa briga tão feia que seu primo mais velho o socou no rosto. O dente da frente de João, que agora escondia e não sorria nunca mais, era postição graças ao primo.

— Eu nunca julgaria minha mãe por ter tido depressão, nem por um acidente...

— E se não foi um acidente? — inquiriu Carlota, pondo-se em pé e se aproximando do sobrinho com aquele andar vagaroso e ensaiado que só se vê nas novelas mexicanas. — E se sua mãe matou aquela criança e com isso atraiu esse mal. A bíblia fala de maldições de família.

— Tia, dessa vez não me seguro e quebro sua cara. Não tô nem aí pra Maria da Penha quando se trata dessa sua boca suja!

A discussão foi cortada por um berro agudo. Tão alto e rasgado que tinha tudo para ter vindo direto das profundezas. Era Luísa, gritando uma dor que guardava havia três décadas.

— Eu trabalhei, juntei, trabalhei e acumulei, como se todo o dinheiro do mundo pudesse trazer meu filho de volta — chorou, soterrada pela emoção. Olhava ainda para a foto da mãe. Afastou João quando ele tentou abraçá-la. — Eu nunca quis aquele menino, mas nunca quis que ele morresse. Me perdoa, mãe.

Tateava às suas costas, soluçando o choro reprimido. Todos a miravam. O cheiro se intensificou, tornando-se quase uma nuvem amarelada de podridão.

— Mãe, a culpa não foi sua.

A mulher encarou o filho. Os braços para trás.

Pediu perdão com o olhar, tornando visível a conexão intensa que tinha com o garoto. João sabia o que ela queria fazer naquele momento, mas não tinha ideia de que Luísa possuía o instrumento necessário, ali em sua mão.

Ela interceptá-la quando a mãe ergueu a mão e, com um grito, enterrou algo no próprio pescoço. Um estilete amarelo que estava ali, na estante, no pote de canetas. Até mesmo Carlota berrou, porém nada pôde evitar que Luísa terminasse o que tinha começado, puxando o objeto com força de sua jugular.

O sangue venoso, negro e espesso, jorrou na parede, e nos pés de Luana, e no braço de Mario Aberto. Terminou no rosto do filho, que, aos gemidos, pegou a mãe a caminho do chão, tentando em vão estancar a sangria com as mãos escorregando pelo pescoço.

— Ache... o... diabo! — Foram as últimas palavras dela.

Engasgada com o sangue e com a morte, os olhos de Luísa se apagaram no chão, entre os cacos do que eram suas lembranças de infância, suas memórias de Olegna, e sobre o chão de onde, um dia, tinha sido sua casa.



Para criar uma maldição basta regar o solo com sangue e algum sofrimento. Certamente, depois que aquela ceia de natal acabasse, que o temporal passasse, a velha casa dos Vieira seria a casa assombrada mais famosa dos arredores da pequena cidade. Por hora ainda faltavam cento e vinte minutos para a meia-noite. Dois cadáveres jaziam sobre as camas de solteiro no quarto principal. A maldição estava selada.

Foram muitos natais juntos ali naquela mesma cozinha. Quando Lúcio ainda vivia ali, os filhos de Carlota e João eram melhores amigos inseparáveis, e os de Aparecido vinham para se juntar aos demais nas brincadeiras. Tudo parecia perfeito, em ordem. Olegna fazia cuscuz, eles cantavam o Hino da Família juntos e Carlota os obrigava a fazer uma oração. Foi assim por muitos anos.

Estava certo que no dia a dia, nos últimos tempos, quando Luísa, João Paulo e Cido revezavam quem ia dormir com Olegna, eles se esqueceram que um dia foram unidos. As duas mais velhas de Mário Alberto nem ligavam para saber da avó, pois guardavam mágoas de serem chamadas de bastardas. Os dois meninos de Carlota estavam ocupados demais com as próprias vidas, mas vieram discursar sobre união e família no dia do velório, como se não fosse culpa deles também o afastamento e a gelidez que tomara conta dos Vieira.

Era tanta coisa! Tanto problema sem resolver, contudo, agora nada tinha importância.

As cinco almas viventes, estupefatas pelo sangrento suicídio de Luísa,

estavam sentados à mesa posta com o jantar, pensando em como iriam sobreviver àquilo. Um inconsolável João Paulo, uma impassível Luana, e três irmãos com olhares desolados voltados uns para os outros. Procurando, em detalhes e desvios nas expressões alheias, os sinais da marca da besta.

Naquela altura, depois do sangue derramado que manchava a roupa e a alma de todos os cinco, já tinham por certo que a vovó tinha mesmo chamado o Diabo para aquela ceia.

— Luísa era tão acumuladora, tão egoísta, que nem mesmo a culpa quis dividir — Aparecido disse, a voz seca, distante.

Os olhos vermelhos de João Paulo o procuraram, cheios de um ódio carregado pelo luto incrédulo.

— Minha mãe não tinha culpa de nada — sibilou com fraqueza. — Se acumulou coisas foi porque queria suprir alguma falta na alma. Agora eu entendo...

Carlota riu baixo, mas estava pesarosa. Tinha coração e acreditava que era moldado segundo o coração de Deus, como Davi, apesar de ela não ser homem como ele.

— Sempre com suas respostas muito psicológicas, João — murmurou Carlota, ainda vestida com o sorrisinho. — Deus é quem tem as respostas certas para o sofrimento de sua mãe. Só nele ela poderia ter buscado refúgio, e como ela falhou...

— Ah, tia — resmungou João, num tom moroso e irado — se minha mãe queima no inferno agora, não vai demorar para a senhora ir também.

Carlota se levantou para dar um tabefe na cara do sobrinho, mas mulher de Deus que era, resolveu se vestir de temperança e se recolher à sua cadeira. Tirou o terço do bolso e começou a rezar baixo. Logo o silêncio imperou, dando vazão ao som da chuva, que insistia em castigar o solo lá fora.

Aparecido levantou-se da mesa, foi até a geladeira e voltou com um engradado de cerveja importada. Não ofereceu a ninguém. Abriu de próprio punho e bebeu metade da garrafa em três goladas.

Mario Alberto ficou olhando, resignado, engolindo em seco, até ser vencido e pegar uma também. Ofereceu uma a Carlota, que recusou, dando-

lhe apenas um olhar inquisidor, depois estendeu uma para o sobrinho, que aceitou, mas não abriu a garrafa. Voltou para junto de Luana, abraçou-a de lado e, depois de uma mesura ao céu, bebeu também.

— Agora duvido que essa chuva seja real — declamou Carlota, olhando para o nada com ar transpassado. — É tudo obra dele. Nossa mãe não podia ter feito isso conosco. Não são assim tão ruins, senhor. Eles merecem o perdão.

Não sabiam quando ela tinha parado de falar consigo mesma e quando começara a virar arauto do perdão ao senhor. Mario Alberto, que ainda tinha o que perder, limitou-se a abaixar a cabeça, mas Aparecido estava pronto para entrar noutra briga.

— Você se acha mesmo superior a nós, não é, Carlota? — destilou, os olhos estreitos. — Se não tivesse criança aqui, eu diria bem onde deveria enfiar esse terço.

— Entreguei minha alma a Jesus muito nova, e me purifiquei do pecado. O que tenho que ser perdoada, já fui, lavada pelo sangue do cordeiro. Não passa um dia sem que eu interceda por vocês, sem que eu peça ao Senhor que leve minha alma a visitar cada lar...

— Cala a boca, tia! — soltou Luana, atraindo a atenção de todos.

Carlota ficou indignada e encarou o irmão, esperando que ele repreendesse a filha. Mario Alberto, no entanto, pegou outra cerveja e meditou ao céu outra vez, rindo baixo.

— No meu tempo a gente educava as crianças — falou Carlota, magoada.

— Educava o *escambal*. O João tem a mesma idade do seu mais velho e é um maroto respondão — completou Aparecido.

João abaixou a cabeça e esfregou os olhos. Estava fraco demais para discutir, e qualquer julgamento dos seus tios não importava mais. Tinha perdido o que possuía de mais importante na vida, seu coração sangrava e não achava que seria capaz de se recuperar, não depois de ter perdido mãe e pai. Mas tinha um irmão mais novo para cuidar. Junior, por sorte, tinha decidido passar o natal na casa da namorada e não fora obrigado a presenciar a morte da mãe. “... *se não estão aí, é porque ainda têm jeito.*” — lembrou-se das palavras da avó, e sorriu consigo mesmo pensando no irmão, cuja alma

ainda podia ser redimida.

— Quando eu fiz dez anos, a tia Luísa me comprou uma boneca que fazia xixi na fralda — disse Luana, soando fria demais para o conteúdo da frase. — Eu sempre odiei bonecas e ela sabia. Mas me deu mesmo assim, porque era isso que ela fazia. Dar coisas.

A observação aparentemente leviana carregava uma profundidade que fez todos prestarem atenção à adolescente. Ninguém saberia dizer se era um elogio fúnebre ou uma crítica póstuma, mas era bem verdade que já não importava mais.

— Quando eu era criança, Luísa me proibiu de sentar na cama dela — emendou Mario Alberto, entre goladas de cerveja. — Ela não queria que desarrumasse o lençol.

— Um dia ela fugiu de casa, levando uma trouxinha de roupa nas costas igual o pica-pau no desenho — completou Aparecido, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu peguei ela no meio da linha do trem e dei um cacete. Mas nunca consegui dizer a ela que fiquei apavorado com medo de perder minha irmã.

João Paulo deslizou os olhos para o tio, espantado em ouvir alguma coisa adocicada sair daquela boca tão amarga.

— Foi ela quem conversou comigo no dia do meu casamento. A mãe não tinha me ensinado nada do dever da mulher — disse Carlota, constrangida. — E não adianta, João, falar que não é dever da mulher porque é.

— Eu não ia dizer nada.

Silêncio. Não bastava para a alma de Luísa, que era tantas em uma só. Em algum lugar da casa de ar azedo e cheiro pútrido, a alma dela e de Eliana ainda estavam inquietas, esperando as outras para partirem rumo abaixo. Todos ali tinham plena consciência dos ruídos no forro, de perninhas percorrendo a madeira velha, que sempre pensaram ser morcegos vivendo na fundação da casa. Agora só parecia as garras dos cães do inferno, guardando os mortos enquanto aguardava os vivos.

— Um de nós já morreu antes da ceia — falou Carlota, depois de um tempo. — A mãe foi clara nisso. Um de nós é o Diabo em pele de gente. Não é a Eliana, não é a Luísa e sei que não sou eu.

— Eu tampouco — falou João, aturdido.

Todos iam negar, e o fizeram, menos Luana que ficou quieta com a mão sobre o celular.

— Sabe, Mario Alberto, acho que você está tranquilo demais para quem acabou de perder uma filha — sugeriu Carlota, o olhar faiscando, à espreita.
— Será que é por que você ainda tem mais três?

O caçula, de olhos arregalados, percorreu à mesa e encontrou todos desconfiados, até mesmo a filha, que se afastou um pouco.

— Carlota, você tá passando dos limites. Eu sempre tentei apaziguar as coisas entre você e os outros, e é isso que eu ganho?

Aparecido pousou a segunda garrafa vazia de cerveja sobre a mesa. O jantar ainda servido, contudo o prato principal agora era Mario Alberto.

— Toda sua vida de libertinagem, Mario — observou o irmão, interessado. — As amantes, a jogatina, e você nunca sofreu nenhuma consequência.

— Ainda abriu uma rede de salões de beleza e cria quatro meninas, duas com pensões gordas que às vezes nem paga — completou João Paulo, ácido.

— Meu pai não é o diabo — emendou Luana, cortante.

No telhado o som da chuva forte fez orquestra com os pesinhos dos morcegos percorrendo o forro. Eram garras à procura de algo para arranhar, de vísceras para abrir. O prato principal estava incrédulo, mal conseguindo processar o que estava ouvindo e de quem estava ouvido.

— Você devia dinheiro à Luísa, tanto da pensão da Mariana, quanto do dinheiro que ela emprestou para você abrir a rede de salões — disse Aparecido, soando amargo.

Mario Alberto levantou-se, respirava audivelmente, ofegante e perto de uma crise asmática. Mas era pânico. Sentia no ar os dedos diversos apontando para si. Tal pai, tal filho. Era assim que sempre falavam dele. Um devasso cheio de amantes, que não conseguia manter o pau dentro das calças e o dinheiro dentro do bolso sem fazer uma boa aposta.

— Você mente que nem sente, Mario Alberto — completou Carlota, como

se aquilo não fosse nada. — Mentiu para a mãe, mentiu para a Luísa. Achou que a gente não sabia que era ela quem bancava seus luxos?

— Devem estar com inveja porque a tia Luísa não bancava nada para vocês — destilou Luana, sempre pontual em suas malcriações.

João Paulo riu baixo, claramente concordando com a prima.

No meio daquela discussão ácida e muito civilizada se comparada às outras que tiveram naquela noite, os dois cachorros, que até o momento tinham mantido silêncio, entretidos com os próprios orifícios, começaram a ganhar baixo. Ninguém deu atenção, ocupados que estavam nos orifícios uns dos outros.

— E você deve estar com inveja porque sua tia Luísa enchia sua irmã bastarda de mimos e desprezava você — replicou Cido, os olhos estreitos, os lábios contraídos. — Um projetinho de quenga com esses shortinhos curtinhos se mostrando por aí.

Luana atirou um copo quente de refrigerante na cara do tio. Foi tão rápido que ninguém teve tempo de reagir, além de Aparecido que parou com os braços abertos e a boca escancarada, petrificado.

Mario Alberto fez o que todo pai tem que fazer na hora que os filhos tomam atitudes extremas. Riu. Com a mão na barriga proeminente, convulsionando de tanto gargalhar, a ponto de ter que sentar.

João Paulo riu também, talvez porque queria ele ter tido a coragem de meter o louco e encher a cara de Aparecido de humilhação, exatamente como estava agora. Só Carlota e Cido ficaram quietos. Até os ganidos dos cachorros pareciam risos àquela altura.

— O seu tio até que tem razão, Luana — interferiu Carlota, pousando as mãos sobre a mesa. — Sua tia Luísa falava das suas roupas. Todo mundo fala que você é tão linda, mas já tão dada.

— Eu nunca pedi a opinião de vocês — retrucou a menina, enxugando as lágrimas de riso. — Tá bom que todo mundo prefere minhas irmãs, que eu sou deixada de lado e que me acham biscate. O pecado é de vocês em julgar uma criança.

— Então agora é uma criança? Mas para se atracar com os meninos do

último ano você não é? — inquiriu Carlota.

O riso parou na hora. Mario Alberto não sabia muito sobre a vida de Luana, desconhecendo os rumores que tinham na escola de que a adolescente era muito precoce e os meninos mais velhos sabiam tirar proveito disso. Luana tinha só treze anos, mas com aqueles olhos verdes felinos, os cabelos loiros que iam até a cintura e os seios volumosos daquele cacife, não passava despercebida. Errou em deixar a menina muito solta, em cuidar de Mariana, a filha que estudava medicina, e de Amanda, a advogada em formação. Dava mimos demais a Eliana, porque era quieta e não sabia fazer nada sozinha, mas Luana sempre ficou à mercê.

— Eu fiz tudo o que fiz pra poder criar minhas meninas — declarou Mario Alberto, com lágrimas represadas nos olhos azuis. Era um homem notável, sempre apaziguador e de boa lábia, mas agora estava vencido, de rosto decaído e costas curvadas. — Acham que eu gostava de mentir para a Luísa? Que gostava de dever?

— Podia não gostar, mas das pernas que se abriam pra você, gostava sim senhor — disse Cido, escarnecedor. — Não precisava ter tido tantas mulheres, nem apostado tanto dinheiro. Nem criado mal essa menina.

As pedras voavam na cozinha, sobre a ceia que já começava a cheirar mal. A maionese tinha azedado, o salpicão estava repleto de pedaços escuros de maçã oxidada. O peru, frio, jazia cheio de moscas que também brotavam sobre o tender e faziam festa no leitão à pururuca. Na farofa com uva passa, já não era possível diferenciar o que era fruta seca e o que eram os mosquitos que tinham afundado ali.

Mario Alberto rangia os dentes, de punhos prontos para terminar de estragar a janta intocada com uns pedaços dos dentes de seus irmãos. Todavia foi interrompido pelo latido agudo dos cachorros, que logo começaram a uivar, caminhando a esmo, ensandecidos, pela pequena casa. Os animais iam desesperados da sala, até voltarem para a cozinha, como se procurassem algo. Àquela altura, a chuva estava mais baixa, os morcegos, em polvorosa e o ar, mais rarefeito.

Os irmãos e os dois sobrinhos se levantaram, procurando o que os cachorros estariam perseguindo. Luana começou a arfar, agarrou a mão do pai e se encolheu num canto da mesa.

— Ele tá aqui — disse Carlota, com urgência. — O inimigo tá aqui!

Ao grito dela, as luzes se apagaram. Todos soltaram palavras isoladas, entre palavrões e pedidos de misericórdia a Deus. Mario Alberto sentiu a mão fria da menina na sua, apertando-a mais forte.

— Dói, pai! — gemeu Luana, puxando a mão.

Mario Alberto tateou na escuridão, procurando a menina, agarrando de volta a mãozinha escorregadia que suava frio.

— Todo mundo fica no lugar! — A voz de Cido se levantou. — Conheço a casa como a palma da mão e vou achar vela. Deve ser só por causa da tempestade.

Só que os cachorros não pararam. E não era só por causa da tempestade. Os dois animais, sempre mansos e indiferentes, tinham se aproximado de Mario Alberto, farejando e chorando, as patinhas de unhas compridas tirlintando no chão de porcelanato.

— Vai logo, Cido! — implorou Carlota. — Vamos rezar, todo mundo, até a luz voltar. Vai ajudar a espantar a presença da potestade. Ele não fica onde o nome do Senhor é pronunciado.

Àquelas alturas, com o medo que sentiam, ninguém teria coragem de chamar a tia de doida fanática. Começaram mesmo a rezar, até João Paulo, que era ateu, tinha na ponta da língua umas palavras de fé.

Mario Alberto segurou firme a mão da sua menina, a quem jurava, agora, que se saíssem vivos dali, cuidaria com o maior dos esmeros que um pai poderia ter.

Em poucos segundos, Aparecido voltou, vindo dos cômodos do fundo com velas acesas nas mãos e algumas apagadas nos bolsos. Chegando à cozinha deu uma a João e caminhou até Mario Alberto para lhe entregar outra. O caçula viu o rosto do irmão através da luz amarela bruxuleante que ainda lutava para existir. Uma chama fraca que dançava feito uma bailarina, lançando sombras nas paredes que davam a entender uma casa cheia de monstros. Mario Alberto se arrepiou, aceitando, na mão, uma vela apagada que o irmão logo tratou de acender.

Sentiu a filha lhe apertar a outra mão mais forte.

— Calma, Luana, vai ficar tudo claro já, já — disse baixo e nervosamente.

— Foi o temporal — argumentou Aparecido, virando-se enquanto caçava outra vela apagada no bolso.

Ao afastar de Cido, Mario Alberto viu iluminado o rosto da filha Luana, do outro lado da mesa. Então de quem era a mão que apertava a sua?

O membro suado encostado ao seu escorregou, subindo por seu pulso, abraçando o antebraço com dedos úmidos e lisos. O rapaz tremeu da cabeça aos pés, deixando-se começar a chorar com pequenos gritos que iam crescendo, trazendo as vozes dos outros perguntando o que estava havendo.

— Luana! Corre, Luana! — o pai berrou, gaguejando.

O tropé começou a seguir, quando as velas se apagaram num sopro, exceto a de Mario Alberto, que a virou em direção a quem o segurava. Viu o rosto de uma garota que parecia sua filha, mas tinha buracos negros no lugar dos olhos, cabelos ralos e uma pele escamosa de cobra.

Jogou a vela naquela coisa e berrou com a garganta estourada.

— Mario! — chamou Cido, desesperado na escuridão. — O que você viu, Mario?!

João Paulo chorava alto, Carlota rezava o credo misturado com algum tipo pentecostal de exorcismo. A escuridão era plácida e opressora, carregada de sons, arquejos e passos.

Ouviu-se um prato se quebrar, depois algo cair. Um gemido, um som de cadeira arrastando.

— Luana! — disse Mario, tateando na escuridão. — Filha, onde você está?

Outra cadeira, dessa vez se espatifando no chão. A madeira se partindo estalou, seguida de outras. Toda a ceia ia ao chão espalhando cacos e comida por todo canto. Ninguém ali tinha coragem de se mover agora, sabendo que poderiam acabar pisando em vidro pontudo, ou agarrando a mão em algo monstruoso.

— Não sou sua filha — ciciou uma voz ao fundo.

Estava muito distante, soando feito uma serpente. Com a fala sombria, a

atmosfera de medo paralisante tomou conta de todos os Vieira, estancado em lugares distintos da cozinha abafada. O cheiro de ovo podre estava de volta, dessa vez fazendo par com um sutil odor de fósforo riscado.

Não havia dúvidas de quem estava entre eles.

— Sabemos quem você é e ordenamos que, em nome de Jesus Cristo, retorne ao buraco de onde veio! — declamou Carlota, com uma voz poderosa.

Risos. Infantis, femininos. O conhecido e cadente riso de Luana, a bela garota do papai. A presença dela cresceu na escuridão, com ondas inescrupulosas de horror. Mario Alberto sentiu o tato daquela pele escamosa novamente. Molhou as calças enquanto chorava, implorando misericórdia a um Deus que não podia mais ouvi-lo.

— Mãe, por que a senhora fez isso com a gente? — chorou o mais novo, em agonia.

— Pai, por que o senhor me ama menos? — replicou a voz de Luana, tão perto.

A mão úmida deslizou pelo rosto de Mário, contornou seu pescoço e acabou lhe pressionando a garganta. O engasgar do rapaz fez recomeçarem os gritos, os passos, a correria. Seus irmãos e seu sobrinho procuravam por ele.

— Mãe, por que fez isso?! Não é justo, não é!! — engasgava Mario, já soando sem ar. — Você não é minha filha! NÃO É LUANA!

As luzes se acenderam com um estrondo, cegando a todos de início. João Paulo se viu perto da televisão, que voltou de repente com a voz de Roberto Carlos preenchendo a sala. Aparecido jazia estatelado no chão, cercado pelo peru e por um amontoado de farofa temperada com vidro. Carlota estava recostada à esquecida árvore de natal, escondida entre as bolinhas coloridas, com o cabelo todo embromado nas folhas e galhos falsos. Havia uma pilha espalhada de presentes sobre seus pés.

Luana jazia de joelhos em meio ao caos da ceia, segurando nas mãos o pescoço do pai. Mario Alberto, já roxo e de olhos esbugalhados, emitia suas últimas inspiradas de ar. As veias de sua cabeça saltadas, sangue lhe escorrendo pelo nariz. Só com mais atenção os outros três viram que as unhas enormes e afiadas de Luana jaziam enterradas na garganta do pai, o sangue

escorrendo por entre seus dedos.

No rosto na menina o mais puro ódio, transformando a bela compleição jovial em algo monstruoso que só se via em filmes de terror dos mais antigos. Nem parecia real, mas sim o desenho da loucura.

— Tem sempre alguém melhor que eu — disse Luana, entre os dentes fechados, esforçando-se muito para dizer cada palavra. — Uma irmã mais importante, um dia cheio de coisas para fazer.

— Luana, solta ele — pediu João Paulo, devagar.

Aproximou-se da menina com cuidado, mas Luana virou de repente, rosnando alto. Olhando ao redor, João viu que os dois cachorros estavam quietos, um de cada lado de Luana, reverentes. Cheiravam o sangue no chão, derramando em profusão da garganta aberta de Mario.

— Eu sou o Diabo — declarou a menina, com um tipo insano de deleite. Soltou o pai com brutalidade, uma força que não seria possível para uma garota de cinquenta e cinco quilos. — Eu sempre soube e a vó sabia também. Eu sou o mal.

Ninguém pareceu ouvir o que a jovem disse. Todos os três pares de olhos estavam no corpo de Mário Alberto, que já não mais respirava.



Amarrar Luana e sentá-la ao pé da árvore de natal foi o único jeito que os três encontraram de manter a garota quieta. Depois de se debater e urrar feito um animal, ela não podia mais ser detida. Havia cordas na despensa, que foram usadas na reforma da casa, e serviram para o momento.

Carlota ficou olhando enquanto João e Cido trabalhavam juntos, os olhos vidrados na cena horrenda, a boca entoando uma prece. O vinco de preocupação em sua testa denotava contrição, porém o fogo no olhar, o tipo de ódio que só os religiosos possuem, destinados sempre ao diabo e aos que agem segundo seus domínios, é claro.

— Luana, olha para mim — pediu João, encontrando o rosto da menina.
— Olha aqui, prima.

Puxou o queixo dela, que ameaçou mordê-lo. João se recolheu, sem desviar o olhar. As cordas mantinham os membros da menina atados, mas não a impediam de se debater no chão como uma cobra. Ciciava como uma também, de dentes à mostra pronto para abocanhar. No olhar jazia fúria, primitiva e talvez até calculada, mas intensa o bastante para arrepiar os três sobreviventes.

— Eu sou o Diabo — chiou, enrugando nariz, boca e olhos. — Vovó me chamou.

— Não, Luana, você não é o Diabo.

Aparecido parou em pé atrás do sobrinho, cansado e acometido por um luto que só era regado pelas cervejas consumidas. Carlota se postou ao lado do irmão, o terço em mãos, a reza na ponta da língua.

— Ela acabou de matar o próprio pai, João — choramingou Carlota, pondo as mãos sobre o peito. — Envenenou a própria irmã, sim. Foi ela.

João mirou a tia por sobre o ombro, condenando-a. Um olhar odioso, cheio de veias vermelhas que faziam galhos nos olhos castanhos.

— A senhora já levou a Luana na igreja num daqueles dias de... possessão, não levou? — inquiriu, colocando-se em pé com movimentos comedidos, ensaiados. Uma serpente que se revelava agora, pronta para dar o bote. — A senhora contou histórias dessas para ela desde que era pequena. Isso pode causar uma má impressão, não é?

Carlota estreitou os olhos de volta para João. Aquela briga já tinha acontecido antes, claro que em condições menos extremas, mas chegara as vias dos gritos e levava Luísa e Carlota a não se falarem por meses.

— João, suas explicações psicológicas não cabem mais. Nós todos vimos a menina enterrar as unhas no pescoço do Mário Alberto.

— Por que essa menina, que acreditou em tudo o que a senhora — voltou os olhos para Cido e apontou o dedo contra seu peito —, e o senhor disseram dela. Demonizam a menina. As roupas dela, o comportamento dela. Depois de ver a vó falando que o Diabo tava aqui, acha que ela não associou tudo? Com a cabeça fraca que tem?

Cido abaixou o dedo de João num movimento brusco.

— O Diabo deve ser você, João Paulo — retrucou maldoso, lábios estreitos sempre que estava dizendo suas verdades. — Sempre arrumando explicação para tudo por causa do seu diploma de psicologia inútil, já que nem trabalhar você trabalha. Vive na noite tocando aquelas músicas demoníacas.

Podiam até falar do fracasso de João na psicologia, mas quando falavam da sua banda, ele saía do sério. João era um menino de aparência fraca, mas por dentro escondia um monstro que devorava tudo quando se via com raiva. Mediante à morte de sua mãe, e todo o sangue que lhe sujava as roupas, não tinha mais nada a perder.

— O Diabo é você, tio Cido. Que ligava para o tio Mário para falar que minha mãe falava mal dele, do dinheiro que emprestou para ele. Depois ligava para a minha mãe e falava que o tio Mário não prestava, que gastava

tudo com puta.

Carlota entrou no meio, abrindo os braços para afastar os dois.

— Isso tem que parar agora! — berrou a mulher, histérica. Tinha na bochecha direita uma mancha de sangue escorrida, ou era molho de algum prato do chão. Era difícil saber àquela altura. — João, você precisa ouvir sua tia. Enverga para a verdade, menino! Acredita no que está acontecendo aqui, que Deus e o Diabo existem e que se não começarmos a combater agora, vamos morrer até o fim da noite.

João começou a rir. Um riso histérico, cheio de lágrimas e movimentos de barriga. Riu até cair sentado um pouco afastado de Luana, que agora estava em silêncio olhando para os três, dotada de satisfação.

— Eu briguei com todo mundo dessa família — disse depois de um tempo, exausto. — E quantas vezes eu fui dormir chorando porque me arrependi das coisas feias que disse. Também fui dormir chorando porque odeio vocês e amo vocês, e as duas coisas são muito grandes. — Elevou os olhos para os tios, depois, resignado, abaixou-os para a prima. — É difícil amar as pessoas quando elas espelham o que você tem de pior. Mas eu amo vocês, tio Cido, tia Carlota. Vocês são pessoas horríveis e eu também.

— Que loucura é essa? — sussurrou Aparecido, enterrando a mão no bolso para pegar mais um cigarro. Acendeu-o, olhando para o nada, cheio de raiva silenciosa. — Que você sempre se achou melhor que os outros eu sabia. Querendo ser o mais descoladão, o amigo dos gays, o músico de sucesso. Sempre querendo mais. Porque você é vazio, João. Essa é a verdade. Você é vazio.

O rapaz anuiu, fechando os olhos para deixar as lágrimas caírem.

— Vamos orar juntos agora — propôs Carlota, abaixando em frente a João. — Vamos tirar o mal do corpo da nossa menina.

— O mal não está no corpo dela — João respondeu baixo. — A Luana tem um problema. Ela é má por natureza. Não tem conserto, por isso ela tá aqui. A vovó sabia bem quem devia tá aqui, e eu tô aqui.

— Porque você não é melhor que ninguém — completou Cido, com satisfação.

O tio saiu andando e pisando nos cacos, soprando sua fumaça de cigarro por todo lado. Para onde ele ia, os olhos de Luana o seguiam, ardilosos. João conhecia a menina desde pequena, e durante sua época de faculdade ela foi alvo de suas observações curiosas. Gostava de aprisionar aranhas, de colar chiclete nos cabelos das irmãs, de fazer birra no shopping quando a mãe não comprava o que ela queria. Cortou o cabelo de uma amiguinha na escola depois que a menina ganhou um concurso de beleza em que ela ficou em segundo lugar. Semanas atrás, João soube por Eliana que Luana tinha matado o gato da vizinha envenenado e guardado a coleira de lembrança.

Luana era assim antes da avó morrer.

Ela não era o Diabo, mas podia trazê-lo para terra se o chamasse. João sabia que boa coisa a menina não daria, e que aqueles olhinhos azuis e o corpo de modelo ainda iam levar a ruína homens e mulheres.

E ele estava ali, com aquela menina, sendo pesado na mesma balança. Cido tinha razão: ele era vazio. Querendo ser muito, se tornara tão pouco.

— João, desde que você disse que é ateu, sua vida tá andando para trás — continuou Carlota, num tom parcialmente acusatório. — Não arranja emprego, sua namorada foi embora, suas músicas não fazem sucesso. Até doente você tem ficado. Uma doença atrás da outra, que sua mãe me conta... contava, ao telefone.

— Minha mãe não tinha nada que contar — esbravejou João, ainda fora de si. — Ela sabe... sabia que eu e a senhora não nos falamos mais. Seu filho quebrou meu dente, lembra?

Apontou para o dente mais branco com veemência. Carlota torceu o bico, escondendo a irritação que era tão evidente em seus olhos.

— Se você não confessar sua fé a Deus para mim, não vou conseguir tirar o Diabo do corpo da Luana.

A menina soltou um risinho fino, forçado. Carlota ficou assustada, mirando a garota com um temor que logo virou coragem. Era a própria heroína bíblica diante do gigante que iria matar.

— Tia Carlota, Deus não existe — falou João, sardônico. — O Diabo foi uma invenção do homem para controlar os pecados dos outros homens. Se não existisse o Diabo, a senhora já teria matado alguém, com essa raiva que

tem guardada. Se não existisse o Diabo, como a senhora ia se achar? Que tipo de mulher a senhora seria?

Carlota começou a tremer já no meio da fala do sobrinho, mas quando chegou ao fim explodiu e o estapeou bem na cara. Agarrou João pelo colarinho da camiseta e o imprensou contra o armário. Uma chuva de bibelôs e enfeites antigos de Olegna caíram pelos lados dos dois. Havia tanta raiva nos olhos de Carlota e tanta força em seus braços, que João sabia que sua hora tinha chegado.

Era sua vez de morrer naquela casa, de se juntar à ceia de natal com Eliana, a mãe e Mário Alberto.

— Eu vou provar que sou uma mulher de Deus. Vou provar que fui ungida e consagrada para lutar contra o mal. O horror dessa noite, eu declaro, acaba agora!

João fechou os olhos e esperou o que viria. Se entregou para a morte como uma donzela ao amante.

Nada aconteceu. Quando abriu novamente os olhos viu a tia montada sobre Luana, segurando os ombros da menina abertos no chão. Luana berrava, pedindo ajuda, enquanto Carlota mirava o teto como se ali estivesse a imagem sacra de Cristo.

— TIA, PARA COM ISSO!

— Carlota, solta a menina — berrou Cido. — Solta a menina!

Aparecido saiu de si, desesperado, e começou a gritar e esmurrar portas e janelas outra vez. João pensou em tentar tirar a tia de cima de Luana, mas achou melhor procurar por algum celular a fim de tentar chamar a polícia. Alguém tinha que responder. Os vizinhos precisavam escutar.

As vozes de Luana e Carlota tinham se misturado, numa rapsódia horrenda feita de pedidos de ajuda e clamores a Deus. Declarações de guerra entrelaçadas a profissões de medo. Luana lutou contra a tia, tentou afastar aquelas mãos de seus ombros, mas Carlota estava mais forte e mais determinada que nunca.

— Eu ordeno, espírito das trevas, que deixe o corpo dessa menina! Potestade infernal, liberte essa alma, é a mulher de Deus quem lhe ordena!

Incapaz de conseguir sinal, ou de fazer com que os vizinhos ouvissem, João partiu para cima de Carlota. A tia lutou com ele ainda em cima de Luana. Aparecido, saindo de sua recente imobilidade, pegou uma faca do chão e avançou sobre a irmã, parando com a lâmina rente ao pescoço magro e enrugado que sofria com as veias pulsantes. Tudo parou, uma quietude maligna, um ponto de virada do qual aqueles quatro sobreviventes não conseguiriam mais salvação.

Cada um por si.

— Mata ela, tio Cido! — implorou Luana, num berro rasgado. — Mata essa louca!

Cido trincou os dentes e pressionou a faca com mais força. A lágrima que caiu de seu olho direito escorreu junto com o pingo de sangue que brotou da pele da irmã. João sabia que ele não teria coragem, percebendo ele mesmo que também não teria. Por mais que Carlota o tivesse ofendido, por mais que tivesse ofendido de volta e jurado nunca mais dedicar afeto àquelas pessoas, sentiu-se mal, enjoado. Não queria perder mais ninguém.

— Carlota, isso acaba agora — pronunciou Cido, com uma sensatez que lhe era incomum. — Nós quatro precisamos sair vivos daqui. A polícia vai saber o que fazer com a Luana. Nós vamos voltar para as nossas famílias. Sem Diabo, sem loucura.

— Cido, você crê em Deus, como eu. Sabe que...

— Eu creio em Deus, sim, mas minha religião é o amor — declarou, a voz rouca. — Eu perdi muito essa noite. Perdi minha mãe de novo, por causa do que ela fez. Do que ela falou da gente. Doe. Tá doendo muito.

João se levantou, a mão no ar, pedindo calma. Aquela faca ainda estava lá, afinal, bem no pescoço da tia, tremendo na mão do tio. Luana, recolhida em seu canto perto da árvore de natal. Frustrada, cruzou os braços ainda machucados pelas cordas e procurou conter os tremores que castigavam seu corpo. Estava descabelada, de olhos vidrados, unhas cheias de carne e sangue.

— A mãe nos trancou aqui com o inimigo, para que um de nós pudesse derrotá-lo — sussurrou Carlota, cuspiendo saliva nas sílabas mais intensas.

Cido abaixou a cabeça, incrédulo. Ali, Carlota aproveitou a oportunidade.

Tirou a faca da mão do irmão num movimento brusco e partiu para cima da sobrinha. Ao grito de João, os corpos das duas se chocaram. A árvore caiu sobre elas, ocultando a briga, fazendo chover bolas coloridas, fios brilhantes e folhas secas.

Enquanto Cido e João tentavam achar as duas na bagunça, os corpos se engalfinhavam e sons ocos se projetavam, impactos secos, raspados.

— Toda discórdia, todo mal, toda devassidão, eu ordeno que saia! Pelo nome de Cristo, pelo poder de Deus!

Num golpe final, a árvore foi projetada para trás pelas costas de Carlota. A mulher de Deus surgiu da bagunça cheia de luzes de natal, que ironicamente ainda estavam acesas e piscavam. A faca na mão esquerda, pingando sangue, o rosto sujo de vermelho, distorcido numa expressão que adentrava a insanidade e a monstruosidade. Cido e João se afastaram.

O corpo de Luana em frangalhos jazia no meio dos restos da árvore de natal. A boca aberta, os olhos arregalados vítreos. Seu lindo rosto fora esfaqueado por facadas que ainda sangravam, mas era na barriga que havia o maior estrago.

— Está feito! — urrou Carlota, os olhos e o peito para cima. — O sangue de Cristo nos libertou e por isso estamos salvos.



Cido não chorou dessa vez, tampouco João.

Mirando Carlota ainda armada com a lâmina que fora tirada da gaveta para cortar o peru, os dois se afastaram cada vez mais, estupefatos. Ao redor dos três membros restantes dos Vieira, a destruição os assolava, regada ao sangue da família, espalhada em pedaços da louça que fora de Olegna, das fotos dos parentes. Uma destruição que, Cido e João sabiam, não fora feita por ninguém além deles mesmos.

Carlota estava em pé acima do corpo mutilado de sua sobrinha. Não havia provas de que tinha expurgado o demônio da menina, mas a prova concreta era a de que tinha se tornado uma assassina.

— João, veja se as portas abriram — pediu Cido, num frêmito.

O sobrinho demorou para conseguir se mover, e quando o fez experimentou a letargia que precede uma crise intensa de pânico. O corpo, feito gelatina, escorregou até a porta que dava para o quintal. Forçou a maçaneta, que não cedeu.

Aparecido pegou o celular do bolso. Na tela havia apenas a foto da neta recém-nascida e o relógio que marcava 23h30m. Era quase natal.

— Ela disse que à meia-noite estaríamos todos mortos — disse João Paulo, com a voz embargada. — E só sobraria o Diabo entre nós.

— Agora você acredita? — balbuciou Carlota, o rosto pingando em suor, o rosto impávido.

João fez que não, mas os olhos mostravam o contrário.

— Eu espero mesmo que um de vocês me mate logo — falou Aparecido, andando sobre os restos da árvore, para longe do corpo da menina. — Não quero ter que sair andando dessa casa.

— A gente manchou o chão onde nossa vida começou — emendou João, também tomando distância do corpo de Luana. — Foi aqui que eu cresci com a vó, com meus primos. Foi com ela que eu dormi a semana toda depois que meu pai morreu e minha mãe ficou no hospital.

Carlota, ainda estancada no lugar, não se dava nem ao trabalho de engolir mais a saliva.

— Eu matei o demônio — sussurrou, histérica. — Eu vi no rosto dela a face do mal. Agora a gente pode sair. Por que eu não consigo sair?

Aparecido soltou um riso triste, embora carregado do seu deboche típico. Adentrou a casa e voltou trazendo duas garrafas: uma de vermute e outra de tequila.

— A mãe guardou isso aqui no lugar em que ela escondia os doces das crianças — anunciou, pondo as garrafas no chão, onde estava a mesa. — Se a gente vai morrer, que seja bebendo o líquido daquela velha ingrata.

Carlota se moveu um pouco. Passos curtos, cambaleantes. João não tirava os olhos da faca, tremendo que estava, incapaz até mesmo de compreender como seu tio, o mais esquentado membro de sua família, conseguia se manter tão frio naquele momento.

— Eu matei o Diabo... Podemos ir embora, Cido... Tô te falando — murmurou Carlota, chegando mais perto, com um ar cada vez mais longe da realidade.

Cido abriu o vermute primeiro, não deu ao trabalho de sequer olhar de esguelha para a lâmina afiada que vinha em sua direção. João recuou, vendo a cena de longe, de um lugar mais afastado de sua sanidade já abalada.

— Sabe por que eu tenho tanta raiva de você, Carlota? — rosnou o homem num tom gélido. Bebeu mais um bom gole, os olhos na garrafa. — Porque você é a mais velha. Sempre foi a preferida da mãe. Só que quando a coisa apertou e os pequenos começaram a passar fome, fui eu quem ficou pra cuidar deles. Nem mulher eu sou, sabe? Não sabia trocar fralda, nem dar de mamar. Você sumiu pra Santos pra casar com o Fausto e eu fiquei preso aqui

com ela.

— Eu mandava dinheiro e...

— Mandava nada, sua mentirosa! Mandava bosta!

— Nunca deixei a mãe sozinha. Você morda essa sua língua venenosa, Cido!

— Deixou!! E eu fiquei com eles. Trabalhei pra dar comida pra Luísa e ajudei a pagar os estudos dela. Vi ela casar com aquele monte de bosta e vi o Mário Alberto virar uma cópia escrita do bosta do nosso pai. E você se escondeu atrás do terço, falando que tinha que orar por todo mundo. Segurei o mundo nas costas e o mundo só me deu desgosto.

A cada frase acabada, Cido virava um gole. Quase esgotava a garrafa quando parou e prendeu os olhos na irmã, na faca que ela trazia. Estavam perto um do outro agora, o bastante para que Carlota pudesse fincar a lâmina nele com apenas um passo e um bom tranco de punho.

— Tem muita amargura em você, Cido.

— Tem sim! Eu tenho raiva. Tenho ódio! Eu é quem devia ter feito um pacto com o Diabo pra matar todos vocês. Não só nós aqui, mas seus filhos metidos, os meus filhos, o Júnior, as mulheres deles, TODO MUNDO! Eu queria explodir o mundo todo e se eu sair daqui vivo daqui vou fazer isso. Vou sim!

João compreendeu ali que Cido não estava somente desabafando a raiva que nunca fez questão de esconder. Estava desafiando o Diabo. O tio, com quem tanto brigou, que tanto amava e detestava, estava sendo corajoso o bastante para se pôr na mira daquela faca. Por que sim, o Diabo estava li, e estava no corpo cheio de santidade da tia Carlota.

Devia ter percebido a ironia disso desde o começo da noite.

— Anda, Carlota! Mete essa faca no peito e acaba comigo, anda!

Um trovão rasgou o céu e caiu perto dali, rimbombando tão forte, que os cachorros que até ali estavam escondidos do rolo todo, saíram das tocas e começaram a uivar. Os passarinhos, guardados nas gaiolas dentro de um dos quartos fechados, piavam alto e agonizantes. Os sons de fora entravam com ferocidade, sons da noite de véspera de natal, de vozes ao longe que se

misturavam com a chuva.

Sons de outras famílias reunidas.

De outras realidades.

Carlota empunhou a faca e João suprimiu um grito. Ia acontecer, teria que assistir Cido morrer, e o Diabo viria atrás dele depois. Não sabia sequer rezar. Nunca tinha feito isso na vida.

O cheiro de ovo podre estava de volta. O ar amarelo. Silêncio dos cachorros. Dos trovões. Da chuva.

Estava saindo do buraco, pronto para se revelar. A face verdadeira e indolente do mal.

— Ci-d-d-o — engasgou Carlota. — P-p-er-d..ã...

A faca caiu da mão dela, se espatifando no chão.

Carlota caiu de joelhos com a mão na garganta, o rosto cheio de veias saltadas. Parecia ter engasgado com algo. Cido, desesperado, tomou o rosto da irmã nas mãos e começou a tremer, chamando o nome dela.

João não conseguia sair do lugar, estancado naquele canto da parede, horrorizado e impotente, vendo diante de si todas as suas incredulidades caírem do pedestal em que as tinha colocado. Queria ajudar Cido, salvar Carlota, reviver os mortos.

Enquanto isso o peito da tia arfava, como se ela tentasse cuspir algo da garganta entalada. Não entendia o que estava acontecendo, mas reconhecia os sinais da morte chegando.

Ali, defronte a ele, sua tia fanática, doida de pedra, se esticava com o estalar de seus ossos, a garganta presa, sem ar. As veias do rosto e dos braços saltaram tanto que arroxearam o corpo todo. Retorcida, caiu de barriga para cima, nadando sobre os restos do natal, suja de comida, sangue e vidro. Não conseguia respirar.

Cido enfiou a mão dentro da boca dela, desesperado.

— Ela tá engolindo a língua! — berrou para João.

O rapaz correu para ajudar, mas o tio já tinha feito tudo o que podia, liberando um pouco de ar para que Carlota conseguisse respirar.

— Carlota, já vai acabar — sussurrou Cido, deixando-se chorar sem censura.

— O-o-lh.. — balbuciou, apontando para cima com ar amedrontando... — É ele...

Cido e João olharam para onde Carlota apontava, mas não havia nada além da poeira do ar e do bruxulear da lâmpada amarela emitindo uma luz fraca. Luz que começou a piscar.

João se arrepiou inteiro. Cido caiu sentado.

Carlota ainda tentou falar, porém um som mastigado tomou o lugar das palavras. Som de carne rasgada, inconfundível. Em segundos veio o sangue. Venoso, negro, espesso como o sangue de Cristo servido no cálice. Brotava da boca de Carlota, escorria pelos lados, lambendo o pescoço, os ombros, terminando de manchar o solo e servindo de adubo para a maldição que nascia.

Por fim a carne grossa e mordida foi cuspidas: Carlota tinha decepado a própria língua.

O órgão viscoso caiu nos pés de João, que conseguiu gritar como uma criança.

Carlota Vieira morria engasgada em seu próprio sangue.



Só sobraram os dois.

O Diabo e um Vieira. Ou dois Diabos.

O caos que se desvelava pela casa velha dos Vieira nada mais era que um retrato das almas que sobraram ali dentro. O neto ateu, rebelde e vazio. O segundo filho amargo, sem fé, cheio de raiva. Dois rivais na vida que agora miravam um ao outro com olhares que queriam dizer coisas intangíveis.

— Só podia mesmo ser você, João — resmungou Aparecido, ofegante. — Sua alma sem Deus. Você era ele o tempo todo.

O jovem andejou pela cozinha, a sola do tênis estalando contra os restos daquela família. O cheiro de morte impregnava o ar, tão adocicado e metálico que fez a boca de João se encher de saliva.

— Só podia ser o tio Cido — constatou para si mesmo, pondo a atenção aos corpos de Mário Alberto e Carlota. — Esse tipo de coisa...

— Eu não quero ter que machucar o corpo do meu sobrinho — chorou Cido, consigo mesmo. — Não dá pra matar o demônio. Só seja rápido comigo.

— A vó disse que queria todo mundo morto. Queria varrer os Vieira da face da terra, não foi? Morre nós dois aqui. O Diabo na pele do meu tio Cido, e eu.

Já não havia mais chuva lá fora, apenas o vento frio entrando pelas ombreiras das janelas, espalhando o cheiro pungente. O relógio tiquetaqueando de forma audível exibia dois ponteiros próximos ao doze. Era

quase natal. Quase o nascimento de Cristo.

— Sabe que nossa família não era assim tão ruim — divagou Cido, andando até onde o sobrinho estava. As lágrimas estavam secas no rosto sujo. Com seus cinquenta e seis anos, aquele pai de família, filho dedicado, irmão preocupado, parecia um velho no crepúsculo de uma vida sôfrega. Nem cor havia mais nos olhos rasos de dor. — Conheci gente que cometia crimes juntos. Mãe que dormia com marido sabendo que abusava da filha. Pai que roubava dos filhos... A gente nunca fez nada disso, por que seu interesse na nossa alma?

Falava com o sobrinho já certo de falar com o Rei do Inferno em pessoa. João devolveu a atenção, como quem via pela primeira vez uma aparição da qual não acreditava. Na verdade, um olhar literal.

Nasceu ateu. Nasceu sem alma.

Ver o Diabo em carne e osso era a prova de que Deus estava em algum lugar. Não sabia nem como deveria se referir a ele, no entanto. Poucas coisas nesse mundo têm mais de dois nomes para ser chamado, dentre elas está a realza brasileira, as genitálias humanas, o próprio ato sexual, e, claro, o Diabo. Seria difícil escolher entre uma de suas múltiplas alcunhas.

— Nossa família não era tão ruim assim — disse o jovem, exausto, quase à beira do choro novamente. — Eu podia defender todos eles agora, pedir para que devolva a alma deles, mas pelo que eu li sobre você, não faz exatamente esse tipo, não é mesmo?

Cido sorriu de lado.

João engoliu em seco.

— Mário Alberto era um libertino, mas fez tudo para dar, para suas quatro meninas, uma vida digna — falou Cido, baixo, entrecortado.

— Eliana era só uma criança. Não fez mal a ninguém, além de não se importar em levantar para pegar um copo — emendou João, num tom embargado.

Cido deu um passo mais para perto. João fez que ia recuar, mas decidiu ficar.

— Luísa passou a vida acumulando bem e coisas, mas se não fosse ela a

gente não tinha condição de dar um fim de vida bom para a nossa mãe — saiu em defesa da irmã, já com a voz tomada pelo choro.

— Tia Carlota era fanática, mas criou bem os filhos, com honra.

— Luana não ia dar boa coisa, mas era bonita que só. Esperta também. Se tivessem dado amor e atenção para aquela menina talvez ela tivesse aprendido diferente...

— Talvez — sussurrou João, já distante.

Pouco mais de um braço de distância um do outro, sobrinho e tio se encararam nos olhos.

— Meu João era um menino muito chato, encenqueiro e cheio de frescuras. Mas deu um adulto tão bom, honesto, amoroso, cheio de sonhos que não deu tempo d'ele realizar.

João fechou os olhos e deixou uma lágrima cair, rolando salgada até sua boca trêmula.

— Tio Cido tinha muita raiva incontida, mas um amor do tamanho do mundo para cuidar de todos nós. Não foi à toa que a vó Olegna confiou a família toda nas mãos dele.

Cido também chorou, chacoalhando os ombros, com a mão na barriga.

— O pai devia estar aqui — bradou olhando dos lados com os braços abertos. — Ele é o Vieira. Ele fez isso, não foi, mãe? Acha que ele foi embora por vergonha da gente, mas a senhora não vendeu a alma para ele pagar os pecados dele por quê? O que aquele velho safado tem de tão especial?

— O vô deve estar comendo peru com a mulher nova dele, cheio de netos novos ao redor — rilhou o jovem, amargurado.

Ao redor das duas figuras soterradas pela perda, os cachorros passeavam, cheirando a carne fresca, farejando sangue morno. O de pelo preto e olhos amarelos foi o primeiro a começar a comilança. Uma ceia especial para um natal especial. Abocanhou o pescoço de Luana e puxou a carne com força. João gemeu ao ver o aspecto de pano rasgado e úmido que a carne humana parecia ter de longe.

O cão menor, de pelinho branco e marrom, cuidou de lambar a boca de

Carlota com uma dedicação voraz, antes de dar mordiscadas nos lábios encharcados.

Se pudessem sair dali vivos, estariam impedindo o banquete dos cachorros, mas por bem da verdade acabariam sendo comida dos cães do inferno em minutos.

Um deles.

Pois o outro era o próprio cão do inferno.

— Falta dez para meia-noite — falou João, acompanhando o movimento dos cães. Faziam ruídos grotescos, fungavam sobre a carne. — A gente devia acabar logo com isso.

— O pai devia estar aqui.

— Mas não tá, seu Lúcifer — disparou o rapaz, ácido, como quem não tem nada a perder. — Quando a gente está nessa vida há um tempo e presta bem atenção, entende que aqui na terra dos homens não é toda alma que paga os pecados. As vezes saem impunes. Ou, às vezes, alguém vende a alma para a gente pagar e o senhor vem nos buscar em pessoa.

— Vamos tomar veneno de rato, nós dois — propôs Cido, nem ouvindo o que o outro dizia. — O senhor não precisa desse corpo. Lá embaixo deve ser um bode chifrudo, ou um homem bonito com asas pretas, tanto faz. Toma veneno de rato comigo e me leva de uma vez.

— Não vou fazer isso. Você não vai me convencer.

Cido disparou para a despensa, numa velocidade que havia muito tempo que a artrose nas pernas não permitia. João o seguiu, encontrando-o mexendo num dos armários baixos, tirando tudo lá de dentro. Procurava o tal veneno.

Quando o encontrou, ergueu o saquinho cheiro de biscoitinhos cilíndricos cor de rosa. Pareciam balas para crianças. João se afastou diante do olhar intenso e arregalado que o tio lhe lançou ao estender o objeto.

— Eu tenho uma vida além dessa, sabia? Tenho uma mulher, filhos e uma netinha. Tenho o que perder. O João só tem um irmão, que vai se virar muito bem sem ele. Me poupa disso, leva ele.

— Mudou de ideia? Não quer mais comer junto?

— O João já tá morto. Me poupa disso.

— Não vai me convencer. Só sobrou você... Eu não caio na sua armadilha.

João correu de volta para a cozinha, dando com a bagunça de corpos e ceia. Os cachorros ainda se deliciavam, e ele estava trancado numa casa com o Diabo em pessoa.

Correu para as portas, tentando abrir. Jogou o ombro contra uma delas, tomou distância e jogou de novo. Nada. Estava selado ali dentro até ceder à tentação de morrer nas mãos do senhor do inferno.

Meu irmão vai se virar melhor sem mim — pensou, em prantos. Caiu com as costas na parede, o ombro deslocado pelos impactos. Urrou e enterrou as mãos nos cabelos bagunçados. *Tudo o que eu tinha tá aqui. Minha mãe... A casa da minha avó. Era tudo. Minha avó vendeu minha alma para o Diabo.*

Ali estava o tio, com o saquinho de veneno aberto feito um saquinho de batatinhas. Estendia para ele, implorando.

— A gente não era assim tão ruim, seu demônio. Eu até rezava antes de dormir — chorava Cido, já desprovido de sanidade.

João enxugou o rosto, levantou-se e pegou o saquinho. Tinha mesmo um cheiro salgado. Na embalagem dizia que matava rápido, achava ele que era pro bicho não ter sofrimento. Os fabricantes de veneno de rato se importavam mais com a praga que queriam matar, do que dona Olegna se importou com a família que pôs no mundo.

— Talvez a gente mereça mesmo ser varrido da face da terra — disse Cido, exaurido de energias. — Mas eu gostava da minha família.

João despejou três cilindrinhos rosa na mão.

— Agora você. Não vou poupar. Vamos comer juntos.

Cido arregalou os olhos. Deu um passo para trás e olhou seu derredor. Cheio de agrura estendeu a mão e recebeu três também.

— Eu amava meu tio Cido, sabia? — chorou João. Deixando o resto do saquinho cair no chão. — Feliz Natal, tio Cido.

— Feliz Natal, João Paulo.

Viraram a mão juntos. Faltavam cinco minutos para a meia-noite.

Cido e João mastigaram os petiscos de veneno como quem masca um chiclete ruim. Engoliram ao mesmo tempo e se abraçaram. Tio e sobrinho. Diabo e gente. Fingiram que o outro era mesmo quem dizia que era, já que estavam ali. Os corpos quentes, úmidos de suor.

O ar que cheirava a morte foi inebriado com o odor de ovo podre novamente, preenchendo as narinas envenenadas.

O efeito começou rápido, com boca espumando, espasmos musculares e tudo.

Caíram no sofá revirado, aos pés do corpo de Carlota e vomitaram juntos. João assistiu quando o corpo de Cido entrou em convulsão. Devia ser pela idade, pelos cigarros ou pela bebida, mas a morte chegava a galopadas para ele.

O jovem, tateando o chão, vomitava enquanto tentava se agarrar ao corpo do outro. Os olhos pareciam querer lhe fugir das órbitas, as mãos se contraindo, veias explodindo. Tudo dentro dele desmoronava.

Encontrou forças para engatinhar até o quarto e ver a mãe pela última vez. Arrastou-se deixando espuma e golfo para trás, permitindo que suas mãos e joelhos fossem cortados pela louça quebrada. Subiu os degraus elevando o corpo sem conseguir arcar com o próprio peso. Chegou no quarto e serpenteou até a cama onde Luísa repousava, tencionando morrer ao lado dela, junto à mãe que era tudo que ele sempre amara.

João abraçou o corpo frio e esperou a morte vir.

De longe ouvia Cido gemer na cozinha.

O ressoar da campainha o despertou de um torpor rápido. Repetindo, a campainha soava vezes demais, seguidas pelo som de batidas insistentes à porta.

Quase sem forças, com espasmos e uma sensação crescente de quentura interior, João experimentou um quê de esperança. Alguém tinha vindo salvá-lo. Agora que o Diabo estava morto, a vizinhança tinha chamado a polícia e alguém fora salvar sua vida. Poderia contar tudo a Júnior, dizer que a culpa não era sua.

Arrastou-se às pressas, tropeçando nas próprias pernas, esbarrando nos

cantos, na estante de fotos. A moldura de Olegna vestida de noiva não caiu da prateleira nem quando o corpo trêmulo de João se chocou contra a estante, onde apoiou para abrir a porta.

Girou a chave, forçou a maçaneta.

Pela primeira vez naquela noite, o trinco girou, tão fácil, tão leve...

João puxou a porta e a deixou escancarar. A boca aberta num gemido de ajuda, olhos arregalados.

Não acreditou no que viu.

Segurando o próprio tronco, ombros curvados e boca espumante.

— Feliz natal, João — disse a voz da avó.

Estava ali. Olegna Vieira, vestida com a roupa do caixão, um traje azul-royal de veludo. Os cabelos revoltos, cheios de terra e lascas de madeira. Trazia uma vela preta nas mãos juntas em frente ao peito. As mãos enrugadas possuíam marcas de quem tinha dado milhares de socos. Estava completamente suja. Vermes lhe saíam das narinas, do canto dos olhos, da boca encrespada.

Olegna sorria.

Sem dentes, pois fora enterrada com a dentadura no bolso.

— O qu... — chiou João, sem forças nem para gritar.

— Só falta você para a ceia, filho. Estamos todos esperando.

Dito isso a velha abriu ainda mais o sorriso. Ao longe, os fogos de artifício anunciaram a meia-noite, enchendo o céu anuviado e úmido de cores diversas. João caiu de joelhos. Olegna ria.

Sua última visão foi das sombras que os fogos projetavam no chão. A silhueta fina e franzina de sua avó, terminando numa cabeça grande de chifres pontudos.

Fim

FIM

NOTA DA AUTORA



FELIZ NATAL, E UMA ÓTIMA CEIA, CAROS LEITORES.
ESPERO QUE VOCÊS NÃO RECEBAM VISITAS INESPERADAS NESTA VÉSPERA.

